

## ENTREVISTA – Alecrides Jahne



Inaugurando o espaço *História & Debate*, temos como convidada para esta entrevista a socióloga e escritora **Alecrides Jahne**. Trabalhando com temas que percorrem áreas como Sociologia, Artes, História, Filosofia, Imaginário e Religião, a autora também é escritora, divulgando suas poesias, contos e crônicas em seu blog *Diálogos com Livros*.

A professora Alecrides é graduada em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado), Mestra e Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em sua graduação pesquisou a relação do artesanato com sua arte, o que a levou a discussão sobre cultura e tradição nas sociedades contemporâneas. No mestrado, mergulhou em uma reflexão sobre o uso do cinema no Ensino de Sociologia (tendo como foco o filme *O pianista*). Em sua tese de doutorado, escolheu trabalhar diretamente com os relatos dos sobreviventes da *Shoah*, e, nesse meio tempo, inciou alguns estudos sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas. Em 2015 tornou-se membro do *Centre des Recherches Internationales sur le'Imaginaire* (CRI2i), da Bélgica (sob coordenação do professor Corin Braga, Jean-Jacque Wunenburger e, no Brasil, da professora Ana Taís Portanova Barros).

A entrevista foi realizada pelo professor **Paulo Milhomens** (docente do curso de História do Campus Oiapoque/UNIFAP) em abril de 2018.

**H&D** – Professora Alecrides, antes de mais nada, gostaria que você falasse um pouco sobre suas influências teóricas. Obviamente, o que me chamou a atenção para essa entrevista foi sua tese doutoral defendida recentemente. Nela, você parte de uma citação de Primo Levi sobre os campos de concentração nazistas e a forma simbólica como os judeus e judias lidaram com a substituição de seus nomes por números ou, talvez, códigos? Num primeiro momento, me vem à cabeça a construção dessas imagens a partir de autores e autoras como Benjamin, Arendt e Bachelard como instrumental metodológico de seu tema de

pesquisa. Outra coisa, além da relevância histórica da tese, poderíamos dizer que esse trabalho é uma reflexão importante para o momento que estamos vivendo no país?

**AJ** – Agradeço pelo convite para esta entrevista. Espero um dia poder conhecer a UNIFAP e o seu curso de História e Ciências Sociais. Vamos por etapas.

As minhas influências teóricas foram muito distintas ao longo da minha formação. Os cursos de Ciências Sociais no Ceará, de onde eu venho, possuem um núcleo bastante voltado para a Sociologia. Michel Foucault foi o autor que me levou a pensar a sociedade de forma menos geral, focando mais a ação individual, com a noção de micropoder. Desde então, esse passou a ser o meu interesse dentro das Ciências Sociais. O resultado foi a tese defendida recentemente no PPGCS da UFRN, sob o título “Um número no *Lager*: um estudo na literatura da *Shoah*”.

Primeiro, a ideia de imagem não está relacionada a fotografias. Em absoluto. Trata-se de uma imagem aparentada à da poesia. Compreendo que os relatos da *Shoah* não são narrativas no sentido do termo, mas, conjuntos de imagens de memória que são retomadas, atualizadas, presentificadas a partir do movimento de rememoração e reflexão. Daí a relação com os conceitos de repercussão e ressonância de Gaston Bachelard e *Jetztzeit*, de Benjamin. Aqueles como instrumental para a “escolha” das imagens dos relatos - o que implica uma exposição enquanto pesquisadora no trabalho, como alguém que está no palco e não atrás das cortinas. O conceito Benjaminiano funciona também em relação ao pesquisador, mas, principalmente, para discutir um conceito de História que não é aquela dos vencedores, dos livros oficiais. Isso porque entendo - tendo em mente Benjamin - que existem histórias que rompem esse *continuum*, e que a atualização é uma espécie de Redenção (veja a discussão de Scholem sobre a Cabala Luriânica).

Hannah Arendt entrou, no início desse estudo por ser a maior autoridade no estudo do Totalitarismo. Durante a pesquisa ela se tornou algo muito maior. E não apenas na discussão sobre a banalidade do mal, mas também no seu estudo sobre o pensamento (refiro-me ao livro *A vida do espírito: pensar*).

A relevância histórica da tese, creio está relacionada à necessidade perene de refletir sobre questões éticas, não apenas para que “Auschwitz não se repita”, mas, e acredito piamente, para que Auschwitz pare de acontecer. Ou, o que serão situações como as dos refugiados Sírios, Haitianos, Venezuelanos? O que será então a situação de exploração, escravidão, ignorância e miséria nos países pobres? Somos todos *homines saceri*, até que se prove o contrário. E quem poderá prová-lo?

A propósito, esta é a citação de Primo Levi, que deu início ao meu estudo:

“Já nada nos pertence: tiraram-nos a roupa, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão, e se nos escutassem, não nos perceberiam. Tirar-nos-ão também o nome: se quisermos conservá-lo, teremos de encontrar dentro de nós a força para o fazer, fazer com que, por trás do nome, algo de nós, de nós tal como éramos, ainda sobreviva.” (*Se isto é um homem*)

**H&D** – Neste caso você refere-se a uma crise central do judaísmo na contemporaneidade, ou algo similar? Uma imagem terrível, diga-se de passagem. Nesta direção, o que seria o conceito de *homines saceri*? Oiapoque, Amapá, onde vivo já possui uma singularidade com o tema por ser uma região fronteira. É o extremo Norte do Brasil se conectando com a Guiana Francesa – território descontínuo da França, parte da União Europeia. Os(as) refugiados(as) sírios e haitianos(as), por exemplo, também utilizam essa faixa terrestre. E quanto a essa banalidade do mal, como Arendt contextualiza no totalitarismo?

**AJ** – Não me refiro a crise alguma no judaísmo, mas aquele momento no campo de concentração trouxe, de fato, um renascimento. Alguns pensadores como Gershom Scholem (que utilizo largamente na tese) observam uma volta a um judaísmo mais forte do ponto de vista religioso. Evidentemente, a morte do judaísmo europeu, como conhecido anteriormente – da cultura Ídiche, foi uma grande catástrofe. É isso que significa *Shoah* – e o uso dessa expressão é mais apropriada que Holocausto (que possui uma conotação religiosa). Giorgio Agamben explica isso muito bem em seu livro "O que resta de Auschwitz".

No meu texto, *homines saceri* aparece como uma referência a todos nós de uma forma crítica. Afinal, o que é o *homo sacer* senão aquele destituído de direitos políticos, vulnerável às ações mais estúpidas de quem quer que seja? Os prisioneiros dos campos de concentração, ao serem levados para lá e cá, só o foram porque os países os destituíram de seus direitos – deixando-os vulneráveis à ação da Alemanha nazista (veja o que diz Arendt no livro "Eichmann em Jerusalém"). Quando digo que todos somos *homines saceri* refiro-me ao quanto estamos vulneráveis a decisões administrativas de governos e suas leis.

Esse "estar na fronteira" é uma realidade que ignoramos, pois precisamos dessa segurança psicológica para que a vida siga "normalmente". Não estou na fronteira do país, mas estou na fronteira moral, entre humanização e desumanização. Vulnerável a ser considerada ninguém nas relações cotidianas com as pessoas ao redor. Parafraseando Viktor Frankl: "Estamos acostumados e nos pensar como alguém e ficamos chocados ao sermos tratados como ninguém" (veja o livro "Em busca de sentido", que é o relato desse psiquiatra sobre sua experiência no campo de concentração nazista). Desta forma, estendo

o conceito para algo mais que uma situação limite, trazendo, na verdade, para perto de cada pessoa.

Nos relatos dos sobreviventes dos campos de concentração, isso fica muito clara essa condição de segurança psicológica. A quebra de um sistema de regras abre como que um vazio sob os pés e o resultado dessa desumanização é o que eles chamam de *muselman*, ou muçulmano (é uma alusão à postura de oração dos muçulmanos). Ou seja, o homem prostra-se ante à provação da banalidade do mal.

Aqui entra a necessidade de falar um pouco mais sobre o conceito de Arendt – que aparece no contexto do julgamento de *Eichmann em Jerusalém* (1963), não no livro *Origens do Totalitarismo* (1951). Quando falamos cotidianamente em banalidade, falamos de algo fútil. Mas ela não se refere a algo frívolo, mas superficial. Ela diz em uma carta a Gershom Scholem que banalidade do mal tem como principal característica a ausência de raízes. Quando perscrutamos algo, procuramos chegar ao seu fundamento, buscamos profundidade. E isso não é possível nessa ideia de banalidade do mal. Veja o caso de Eichmann: ele não foi incapaz de perceber a amplitude de suas ações (ou era um excelente fingidor). Executava ordens. Ele se considerava um militar exemplar. Um trecho importante para o contexto dessa discussão está no texto “Humanidade e Terror”, onde Arendt diz (permita-me citar):

“O êxito ou o fracasso do governo totalitário, portanto, depende em última análise de sua capacidade de transformar seres humanos em animais pervertidos. De modo geral, isso nem sempre é possível, mesmo sob as condições do terror totalitário. A espontaneidade nunca pode ser inteiramente erradicada, porque a vida como tal, e com certeza a vida humana, depende dela”.

Banalidade do mal, que se espalha como fungo, que não tem profundidade. Transforma as pessoas em autômatos. Mas, como? Massificação? Cultura de massas? Fragilidades morais na sociedade? Levando em consideração a "honra de soldado" de Eichmann, existem muitos fatores que precisamos observar. Não se trata apenas de padrões morais (que sim, são essenciais, a meu ver), mas, sobretudo, de uma capacidade de posicionamento que seja orientada para uma ética da responsabilidade. Por isso Lévinas é tão essencial na minha pesquisa, pois ele traz a concepção de alteridade atrelada à de responsabilidade pelo Outro - é o ponto em que o terror totalitário não pode alcançar.

**H&D** – A responsabilidade pelo *outro* através da alteridade? Mesmo não tendo lido Lévinas, isso parece libertador. Quanto a Arendt, essa ideia de autômato sobre o mal recebeu uma interpretação enviesada pela história, não?

**AJ** – Na minha tese há um pressuposto fundamental: “O não reconhecimento do Rosto implicaria em um desvirtuamento do que se espera como reconhecimento da humanidade do Outro”. Rosto para Lévinas é um desafio “ao poder de poder”. É uma ordem: “não matarás”. Ao mesmo tempo que é um desafio e uma ordem, não é ameaça. É o equivalente a uma nudez. O Outro se apresenta em mim na sua infinita alteridade – que não sou capaz de absorver em mim. Por isso que responsabilidade está entrelaçada à alteridade. Aquele que violenta não possui Rosto – pois o reconhecimento do Rosto implicaria a responsabilidade pela vida dele. Lévinas entra no meu trabalho para pensar o processo de chegada ao *Lager*, permanência (daí a relação com outros prisioneiros, os membros do *Sonderkommando* e os SS).

De fato, ter lido Lévinas foi para mim algo libertador. Eu não preciso olhar para o Outro como parte de mim para que ele seja aceito. Não preciso que ele seja igual a mim, semelhante a mim (penso também do ponto de vista cultural, não apenas individual) para que seja respeitado. A responsabilidade pelo Outro não pressupõe que ele retribua. Mas apenas que eu honre essa responsabilidade. Pensar assim talvez nos fizesse pessoas melhores e nossos relacionamentos seriam menos capitalistas.

Bem, não tenho como pensar o conceito de Arendt “através da História”. Mas acredito que esse pensamento dela foi quase uma profecia. Em conjunto com a reflexão de Benjamim em seu texto “Experiência e pobreza”, é como se fôssemos acertados por um raio. Literalmente. Permita-me citá-lo:

“Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente a sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso.”

Ao ler esse trecho até os meus pensamentos emudeceram. É disso que Arendt fala quando se refere ao fungo que se espalha. Uma cultura do vazio, a cultura do vidro. Uma transparência exacerbada que não reflete nada se não a repetição desse mesmo vazio.

**AJ** – A propósito: o que os Sírios fazem em nossa fronteira? (risos)

**H&D** – No estado do Amapá, quando você precisa viajar de Macapá (capital) até o município de Oiapoque, um dos transportes mais utilizados são caminhonetes com tração nas quatro rodas. Os motoristas que fazem esse trajeto são conhecidos como “Piratas” ou “Piratairos”. A distância entre Macapá e Oiapoque é de aproximadamente 600 km. Há um trecho de 110 km que não possui pavimentação asfáltica e, no período de chuvas torna-se quase

intrafegável para veículos específicos. Essa é apenas uma curiosidade etnográfica, por assim dizer, que veio à cabeça agora.

Em 2016, uma reportagem da agência de notícias “G1 Amapá” registrou a presença de um sírio que estava sem passaporte na cidade de Santana, Amapá, com destino à cidade de Belém, no estado do Pará. Não saberia precisar se estava na condição de refugiado. Neste mesmo ano, viajando com um pirateiro, ouvi um relato de que sírios e sírias haviam estado na fronteira rumo à Guiana Francesa. Achei interessante à época, mas essa notícia não chegou oficialmente até a mídia local. Como as fronteiras são lugares intermitentes, não correspondendo necessariamente ao espaço territorial “definido” ou “imaginado”, notadamente achava que apenas haitianos e haitianas eram mais presentes pela proximidade com o Caribe. Eu poderia inferir que se estavam indo para a Guiana Francesa, certamente, o destino final seria a França – ou qualquer outro país da Europa através da metrópole. Como existe um Tribunal de Direitos Humanos na Guiana, essas pessoas que estão “desterritorializadas” podem pedir auxílio ou até asilo para depois seguirem para outro lugar. O problema dessa crise humanitária é que ela não é percebida no Amapá, onde pouco se fala sobre o assunto.

Finalizando, como você vê o futuro neste momento? Parece que este trecho citado da obra de Benjamin foi escrito hoje!

**AJ** - Sério? Espera que eu tenha uma bola de cristal? (risos) Duvido muito que eu tenha o dom profético com o nível de uma Hannah Arendt, um Walter Benjamin, um Freud... Mas, sou pessimista demais para ousar infectar aos demais com imagens trágicas. Prefiro colocar a citação de Benjamin como um alerta, algo que ela realmente é. Não podemos cristalizar o futuro, fazendo assim, não restarão forças para lutar pela mudança que o mundo hoje exige. Que o Brasil exige. Que o nosso Estado exige (Ceará, Amapá, etc). Que a nossa cidade exige. Sou defensora de que a mudança mais significativa ocorre aqui, ao nosso redor – e precisamos ser agentes da mudança. Como educadores, religiosos, políticos, funcionários públicos, comerciantes, o homem que vende o picolé na praça, o pipoqueiro, a mulher que confecciona chapéu de palha, enfim, todos, cidadãos. Precisamos nos sentir como cidadãos, parte de um todo que se move à medida que nos movemos – pois essa é a realidade do mundo. Um pai de família não pode esperar ver um filho adulto responsável se não dá a ele responsabilidades. Queremos o combate à corrupção, mas assumimos pequenas atitudes corruptas enquanto nos perguntamos “Quem está vendo? Não é nada!”. Queremos as ruas limpas e jogamos o papel de bombo pela janela do carro. Tiramos das vistas o que não suportamos - enquanto usamos de atitudes abjetas, e depois bradamos nossos discursos como espadas da justiça e da honestidade.

Quando Benjamin fala em seu texto de experiência, ele exemplifica com os soldados que voltaram da primeira guerra mundial - sem experiências partilháveis. Nessa semana, próximo ao campus da universidade federal do Ceará, em Sobral, houve um tiroteio. Os jovens saíram correndo. Pessoas se desesperaram. Um corpo ficou estendido no chão. Fui professora de uma escola pública de Ensino Médio, anos atrás, e um rapaz que agredia uma colega dentro da sala de aula – ao qual repreendi – ameaçou levar uma arma para a escola no dia seguinte, para me matar. Era meu primeiro ano como professora! Ouvi muitos casos relatados pelos colegas professores sobre agressões. A violência é uma realidade próxima que pode emergir a qualquer momento, ali do seu lado. Não é mais algo chocante, mas é aquilo que esperamos que aconteça e tomamos precauções ao andar pelas ruas e em nossas casas – enquanto damos aos nossos filhos jogos de vídeo game repletos de sangue e agressão.

A violência tomou proporções exacerbadas, crescendo com os níveis de exigências de horas de trabalho, para que haja pão na mesa da casa de todos nós. Os filhos são educados pelos aparelhos eletrônicos, pela TV, pelas redes sociais, por qualquer coisa que não exija tempo, reflexão, persistência... Tudo isso deixou de ser algo que emerge como experiência e se tornou vivência - coisa que passa sem que sejamos capazes de refletir ou nos emocionar. Não tenho filhos e me horroriza o grau de falta de educação e a agressividade grassando nas escolas, nas filas dos supermercados, nos espaços públicos. Conversa antiga, não é mesmo? Mas, por quê ainda precisamos falar disso?

**H&D** – Muito obrigado, professora Alecrides! Sem palavras...

**Disponibilizamos abaixo links para artigos publicados pela autora:**

Anais do II Colóquio internacional do CRI2i

[https://www.academia.edu/18349886/O\\_monstro\\_e\\_a\\_virgem\\_o\\_legado\\_da\\_propaganda\\_Destroy\\_this\\_mad\\_brute](https://www.academia.edu/18349886/O_monstro_e_a_virgem_o_legado_da_propaganda_Destroy_this_mad_brute)

Artigo da Revista Cronos, sobre a alteridade em Lévinas:

[https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/12943/pdf\\_1](https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/12943/pdf_1)

Revista Latec, o artigo sobre o filme "A lista de Schindler"

<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=linguagemdocinema&page=article&op=view&path%5B%5D=436&path%5B%5D=536>

Revista Mneme, artigo sobre antissemitismo em "Casa Grande e Senzala" do Gilberto Freyre

<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/833/770>

Nota sobre monografia apresentada na SBPC:

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/3586.htm>

Blog Diálogos com Livros

[www.dialogoscomlivros.blogspot.com](http://www.dialogoscomlivros.blogspot.com)